



Família e conflito no texto humorístico: Mesclagens conceituais e representações

Family and conflict in the humorous text:
Conceptual blends and representations

Rosa Lúcia Coimbra
Universidade de Aveiro

PALAVRAS-CHAVE: TEXTO HUMORÍSTICO, INTERTEXTUALIDADE, METÁFORAS CONCEITUAIS, REPRESENTAÇÕES.
KEYWORDS: HUMOROUS TEXT, INTERTEXTUALITY, CONCEPTUAL METAPHORS, REPRESENTATIONS.

1. INTRODUÇÃO

Por texto humorístico entende-se uma diversidade de géneros textuais, quer de carácter oralizante, quer escrito, contendo ou não elementos multimodais, abarcando anedotas, charadas, caricaturas, *cartoons*, bandas desenhadas, alguns tipos de crónica, comédias, farsas, entre muitos outros. Estes géneros, bem como os respetivos mecanismos de produção do humor, têm merecido a atenção de pesquisadores das áreas da filosofia, psicologia, estudos literários, linguística (ver uma breve panorâmica, por exemplo, em Alexandru, 2013, pp. 9-31). As diferentes abordagens implicam necessariamente diversos modos de conceptualizar e definir a essência do humor, a sua génese, função e estratégias. A título de exemplo, apresentamos três definições de humor:

Henri Bergson (filósofo francês): “Uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes, podendo interpretar-se alternadamente em dois sentidos completamente diferentes”. (1983, pp. 48-49)

Abraão Slavutzky (psicanalista brasileiro): “Humor é a capacidade de criar uma ótica simbólica que faz o sujeito rir de si ou de outro, gerando prazer onde poderia produzir-se dor”. (2007, p. 171)

Luiz Carlos Travaglia: “O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios”. (1990, p. 55)

Nos atos da produção e da descodificação do humor, entram em ação mecanismos que apelam simultaneamente aos conhecimentos linguísticos e culturais, principalmente no que respeita à construção de inferências, na leitura do não dito. Nas palavras de Posenti, “as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro” (2001, p. 72). De facto, muitos são os linguistas que se têm vindo a dedicar ao estudo do humor, nas diversas vertentes da análise linguística.

As personagens dos textos humorísticos são frequentemente personagens tipo, este-reótipos sociais, fruto de representações formadas sobre classes, sexos, etnias, profissões ou qualquer outro modo de agrupar os seres humanos baseado em características comuns, reais, imaginadas ou exageradas.

Como referimos num estudo anterior sobre as representações de políticos em anedotas portuguesas (Coimbra, 2013), a questão das representações tem despertado a atenção de estudiosos de diversos ramos do saber, desde o século XIX, quando Durkheim distinguia a consciência comum ao grupo, à sociedade que age e vive em nós, e a individual, no que temos de pessoal e distinto. Carugati et al. definem as representações sociais como estruturas sociocognitivas de diferentes níveis de produções simbólicas:

Social representations could be seen as an equilibrium point between the flow of individual experiences of individual selves and the rigidity of social organizations: a meeting point where people, bathed in the secular give and take between science and common sense, build up some common conceptions concerning intriguing topics. (1994, pp. 132-149)

Ligado à representação social, surge o conceito de estereótipo, processo cognitivo que serve como um atalho de entrada e saída de memórias e que permite aos falantes fazer julgamentos instantâneos baseados em experiências prévias e informação integrada. Já em 1921, Lippmann sublinhava a importância do estereótipo para o processo perceptivo e persuasivo, para a mundividência e para a economia de memória no processamento da atenção do indivíduo:

The subtlest and most pervasive of all influences are those which create and maintain the repertory of stereotypes. We are told about the world before we see it. We imagine most things before we experience them. (1921, cap. 4)

O processo de estereotipia opera através da compartimentação de informação categorizada (Forgas, 2001, p. 398), pelo que, em linguística cognitiva, os estereótipos sociais podem ser entendidos como metonímicos (Lakoff, 1990, cap. 5), uma vez que uma subcategoria é reconhecida como padrão para a categoria total, com base em efeitos de prototipicidade, embora distinguindo-se dos protótipos. Os estereótipos são elaborações geralmente mais complexas e acabam por padronizar sinodoticamente a categoria total. Lakoff & Johnson (1999) sublinham que o estereótipo é usualmente uma categorização negativa de um membro pertencente a um determinado grupo, geralmente um grupo de pessoas, e é usado para construir juízos de valor negativos e precipitados acerca dos membros desse grupo, tirar conclusões e criar expectativas. Lakoff (1990, p. 85) sublinha que tais julgamentos estão sujeitos a mudanças ao longo do tempo e podem desencadear questões sociais, embora sejam reconhecidos como incorretos. Assim, os estereótipos sociais são quase sempre conscientes e tornam-se mesmo objeto de discussões e polémicas públicas.

A representação caricatural que as piadas fazem das relações familiares, em geral, e dos conflitos no seu seio, em particular, será o objeto de atenção da primeira parte do presente estudo. Numa segunda parte, procuraremos analisar, através de um caso exemplar, a presença de intertextualidade na formação de mesclagens conceptuais em versões caricaturais e anacrónicas da história de Caim e Abel, como hipotexto da narrativa de um conflito de irmãos. Como enquadramento teórico, consideraremos as projeções entre diferentes domínios conceptuais (Lakoff, 1990), encarando-os como cenários integrantes de redes de mesclagens no sentido de Fauconnier & Turner (2003, 2008).

O trabalho que aqui se apresenta é constituído por duas partes principais, tendo como objetivo a caracterização do género textual anedota no que respeita à representação das relações familiares e seus conflitos.

Em primeiro lugar, serão analisadas recolhas de anedotas em livros e páginas web portuguesas e é feito o levantamento de todos os textos que nelas se encontram agrupados em categorias temáticas. São aqui apresentados os resultados das categorias relacionadas com laços familiares em duas antologias portuguesas em papel e em nove páginas web portuguesas com bancos de anedotas.

Numa segunda parte, analisar-se-á um corpus constituído por 57 piadas ilustradas recolhidas na web que, de algum modo, apresentam como hipotexto a história de Caim e Abel. O conflito de irmãos é, nestes textos, revestido com novas cores, fruto de mesclagens conceptuais que aqui exemplificaremos.

2. AS RELAÇÕES FAMILIARES NO TEXTO HUMORÍSTICO

As antologias em papel e os bancos de anedotas na web agrupam frequentemente os textos em categorias temáticas, de acordo com o tipo de personagens presentes na anedota ou o tópico textual nela abordado. Desses agrupamentos, resulta um número variável de categorias, com etiquetas também elas variáveis, em conformidade com as recolhas efetuadas e os critérios utilizados. Nas recolhas portuguesas, é comum encontrar categorias como alentejanos, loiras, políticos, bêbedos, malucos etc. As relações familiares, constituindo possíveis tópicos textuais ou caracterizando as relações entre as personagens das piadas, também são muitas vezes utilizadas na construção de algumas categorias neste tipo de recolhas. As duas antologias e os nove bancos de anedotas que consultámos, incluem as categorias que estão patentes na tabela 1 e gráfico 1 *infra*.

Fontes Categorias temáticas	Antologias		Bancos de anedotas portuguesas na web									Totais
	Ribeiro, 2005	Guerreiro, 1995	anedotadodia	anedotas.rir	anedotas-qb	citador	fnsf	marafado	piadas.pt	soir	tendencia	
Casais	145	73	140	18	8	99	128	100	36	39	20	806
Sogras	58	7	105	5	3	39	21	0	0	0	5	243
Pais e filhos	106	0	0	24	8	0	0	0	0	0	0	138
Família	0	0	0	0	20	0	0	10	0	0	8	38
Avós	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	5
Tios	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3

Tabela 1 – Frequências absolutas dos textos em cada uma das categorias de relações familiares presentes em antologias e bancos de anedotas (ver gráfico 1)

O gráfico que apresentaremos de seguida evidencia de uma forma clara esta grande discrepância numérica entre as categorias de relações familiares objeto de humor. Nele apresentamos os resultados relativos às páginas web somados.

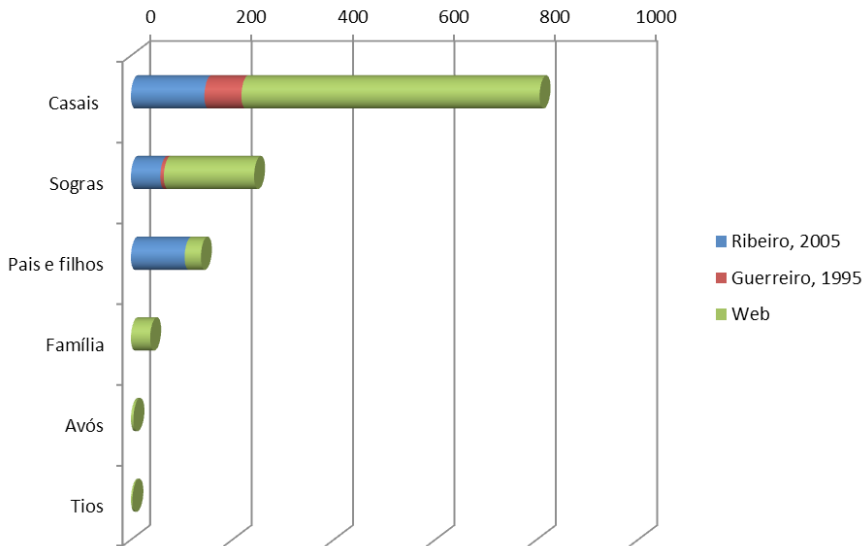


Gráfico 1 – Frequências absolutas dos textos em cada uma das categorias de relações familiares presentes em antologias e bancos de anedotas (ver tabela 1)

Na tabela 1 e gráfico 1, verificamos que o número de anedotas em cada uma das categorias relativas a relações familiares não é o mesmo. A categoria com o maior número de ocorrências, num total de 806 textos, é a que respeita à relação de casal. Nestas figuras, contabilizámos na categoria superordenada *casais* as seguintes subcategorias: casamento, divórcio, viúvas/os, adultério, traição, vida conjugal. Relacionada com esta, segue-se a categoria *sogras* com 243 anedotas. Em terceiro lugar, vamos encontrar *pais e filhos* com 138 ocorrências. As restantes relações familiares ou não constituem categorias nas recolhas observadas (ver a grande quantidade de zeros na tabela) ou têm pouca expressão em termos quantitativos.

A título exemplificativo, apresentaremos, de seguida, os resultados da nossa análise das representações destas principais categorias, nas antologias do *corpus* em papel (Guerreiro, 1995 e Ribeiro, 2005).

2.1 CASAIS

A relação conjugal, especialmente quando conflituosa, é, de entre todas as relações familiares, aquela que mais vezes é objeto de piadas, em todas as recolhas que constituem o *corpus* em análise, como acabámos de verificar acima no gráfico e na tabela.

A relação entre marido e mulher, especialmente quando conflituosa, tem sido objeto de diversos textos populares, humorísticos, como aqui veremos, mas também de sabedoria popular, como é o caso dos provérbios. Embora não necessariamente coincidente com o que é apresentado nas anedotas, os provérbios apontam, segundo estudos efetuados, para a existência de determinadas representações da relação conjugal:

Os resultados revelaram um universo cultural construído a partir da perspectiva masculina, no qual estão presentes concepções sobre a natureza feminina e sobre as relações amorosas que justificam o desequilíbrio de poder nas relações conjugais que se constata ainda hoje. [...] Muitos provérbios sedimentados ao longo do tempo e intercambiados entre culturas referem-se ao amor, ao casamento e à sua dissolução, ao cotidiano conjugal e seus desdobramentos quanto a poder, interesse, enfado, traição, além do tema das características diferenciadoras de homem e mulher. (Menandro et al, 2005, p. 81)

As anedotas constituintes das antologias estudadas tipicamente apresentam uma relação conjugal desgastada com o tempo, passada a fase do enamoramento e da sedução (ver tabela 2).

Representações	N.º de anedotas
Esposa tem amante	58
Marido já não ama esposa, quer ver-se livre dela, deseja que ela morra	49
Esposa tem defeitos: é incompetente na lida doméstica (9); é gastadora, quer presentes e joias (7); não é inteligente (6); ficou feia (6); não gosta de sexo (4)	32
Casal discute, discorda, agride-se	15
Esposa já não ama marido, quer ver-se livre dele	12
Esposa deve dedicar-se a trabalhos domésticos	4
Marido não satisfaz sexualmente esposa	4

Tabela 2 – Traços constituintes das representações da relação de casal patentes nas anedotas das antologias do *corpus*

O desgaste da relação leva as personagens, especialmente a personagem feminina, a procurar, na relação extraconjugal, o enamoramento perdido. Frequentemente os amantes homens que, por algum motivo, estão na proximidade da mulher dona de casa, como sejam

o melhor amigo do marido ou profissionais que se deslocam ao domicílio, como motoristas, jardineiros, carteiros, eletricitas ou canalizadores. Exemplos do *corpus*:

(1) Guerreiro, 1995, p. 92

– Então – grita o marido, entrando em casa sem ser esperado –, o que é que te deu na cabeça para vires abrir a porta nesse estado, toda nua?

– É por culpa tua, também... Tu tocaste três vezes, exactamente como faz o carteiro.

(2) Guerreiro, 1995, p. 97

O homem confia ao amigo:

– Tu não sabes a última da minha mulher? Quer contratar um *chauffeur*!

– E então?

– E então!? Tu não compreendes que isto é inquietante? Nós não temos carro!

Em segundo lugar, em termos de frequência, encontramos anedotas em que a personagem do marido diz ou dá a entender que já não ama a esposa, querendo livrar-se dela, e chegando mesmo a manifestar o seu desejo de que ela morra. O tema da viuvez é, nestes casos, apresentado de uma forma desconcertante, como algo de desejável e libertador.

(3) Guerreiro, 1995, p. 101

– Sabes que o nosso querido amigo Frederico encontra, finalmente, a paz eterna?

– Como? Morreu? Não sabia.

– Não. Ele enterra a mulher amanhã.

(4) Guerreiro, 1995, p. 80

No centro de uma vitrina de um grande estabelecimento de electrodomésticos está um cartaz que diz: “Senhores maridos, pensai nas vossas mulheres!”

Entra um sujeito, aproxima-se do patrão e pergunta-lhe:

– Desculpe... Aqui para nós... tem uma cadeira eléctrica?

A causa deste sentimento é abordada em diversas anedotas e atribuída aos defeitos da esposa, que só se desenvolveram ou revelaram mais tarde, durante o casamento, nomeadamente o seu aspeto físico degradado, a sua parca inteligência, a tendência para gastar dinheiro, para falar de mais e a incompetência ou falta de vontade face a questões como as lides da casa (especialmente a cozinha) e a vida sexual. Neste último aspeto, estas anedotas parecem contradizer as que apresentam a esposa como desejosa ou envolvida

em relações extraconjugais. Por vezes o que se verifica, e isso fica mais evidente nas piadas ilustradas, é que a personagem num caso é jovem e no outro não é. Exemplos de anedotas caracterizando negativamente a esposa:

(5) Guerreiro, 1995, p. 80

Ele: – Sabes, Leonor? A bebida faz com que tu fiques muito linda!

Ela: – Mas eu não estive a beber nada!

Ele: – Eu estive, querida!

(6) Guerreiro, 1995, p. 78

Entre amigos: – A minha mulher fala sozinha.

– A minha também, mas não sabe. Julga que eu estou a ouvi-la...

Paradoxalmente, o marido, ao mesmo tempo que aponta o defeito à esposa, trata-a por querida, como no exemplo (5), tratamento carinhoso consentâneo com a explicatura transmitida pelas palavras proferidas, mas contrastante com a implicatura a partir delas inferida.

De um modo geral, os defeitos revelados dos cônjuges, bem como as traições, são fonte de conflitos, separações, discussões e, por vezes, de agressões físicas, situações alvo de uma parte das anedotas sobre casais. Exemplo:

(7) Anedotas para rir

Marido: Estou farto. Tu ficas com um lado da casa que eu fico com o outro.

Esposa: OK. Tu ficas com o lado de fora.

(8) FNSP

No dia após uma noitada nos copos, um amigo diz a outro:

– Então e a tua mulher, não disse nada, por teres chegado às quatro da manhã?

– Nadinha!

– Eia, nada?

– Nada!

– Ena... Isso foi bom, não?

– Por acaso até foi... Eu de qualquer forma tinha de tirar aqueles dois dentes.

Mais uma vez, nestes exemplos, as mensagens negativas – no exemplo (7) que o marido é posto fora de casa e, no (8), que a mulher terá batido no marido – são transmitidas por implicatura.

2.2. SOGRAS

Relacionado com o tema anterior, o tópico das sogras constitui a segunda categoria mais produtiva nas anedotas sobre relações familiares no *corpus* em apreço. Os textos nela inseridos tipicamente apresentam três personagens, entre as quais se vai estabelecer o conflito familiar: o marido que não suporta a sogra, a esposa que a defende e a sogra que se intromete na relação do casal. Num estudo sobre texto humorístico de 2008, Costa e Rodrigues desenham nestes termos o conflito gerado:

O trabalho levanta as seguintes hipóteses: de que a sogra possui sentido negativo, porque ela tem ciúmes do filho ou da filha, quer escolher uma nora ideal para se filho(a). A sogra junto do casal causa brigas, porque ela sempre dá palpites na vida do casal. Acha sempre que o filho (a) está certo e tem razão, são alguns discursos que circulam no senso comum sogra à aversão à sogra, discursos que tomamos como hipóteses. (Costa & Rodrigues, 2008)

A situação conflituosa é, nestes textos, apresentada como tendo origem na má relação genro-sogra, sendo a relação nora-sogra muito menos focada:

Numa rápida pesquisa na internet, constatei que as sogras são o alvo principal de pilhéria nas relações por aliança, geralmente em situações que envolvem o genro. As piadas que ressaltam a relação com a nora são mais raras, assim como as piadas sobre cunhados. Diria que compõem apenas 2% do universo encontrado. (Luz, 2010, p. 15)

Os elementos constituintes da representação desta relação familiar problemática encontrados nas anedotas das antologias referidas são sintetizados na tabela 3.

Representações	N.º de anedotas
Genro não gosta de sogra, quer livrar-se dela, deseja que ela morra	33
Sogra tem defeitos: é antipática, chata, exigente (6); é feia (4); fala de mais (4)	14
Visitas da sogra são indesejáveis	11

Tabela 3 – Traços constituintes das representações da categoria “sogra” patentes nas anedotas das antologias do *corpus*

Uma boa parte destas piadas não apresenta nenhuma razão para o ódio que o genro sente, limitando-se a apresentar esse sentimento e o desejo que ele provoca de que o seu objeto seja eliminado, através da morte ou através do afastamento geográfico, como se verifica nos seguintes exemplos.

(9) Guerreiro, 1995, p. 99

A minha sogra, coitada, ia morrendo queimada. Felizmente os bombeiros chegaram a tempo com as agulhetas – tze, tze, tze, tze. E morreu afogada.

(10) Anedota do dia

Dois amigos conversam. Pergunta um: – E com a tua sogra, as coisas vão melhor?

Responde o outro: – Estão bem melhor. Agora levo-a sempre para qualquer lado onde vou!

Pergunta o primeiro muito admirado: – Ai é?! E não te chateias?

Diz o segundo: – Nem por isso... O chato é que ela consegue sempre encontrar o caminho de regresso a casa.

As anedotas que apresentam a causa da aversão genro-sogra fazem-no geralmente sob o ponto de vista do primeiro elemento desta relação, salientando os defeitos por este atribuídos à segunda. A sogra é, deste modo, representada como uma personagem anti-pática, chata, exigente, feia, faladora ou intrometida. Exemplos:

(11) Anedota do dia

Um tipo encontra um amigo e pergunta-lhe: – Quem era aquela senhora de idade que ontem estava contigo no corso de carnaval?

O amigo: – Era a minha sogra.

O outro: – Tu desculpa, mas a máscara que ela levava na cara era horrível!

O amigo: – Máscara? Que máscara?! Ela não levava máscara nenhuma...

(12) Anedota do dia

A certa altura da cerimónia do casamento, diz o padre: – O que Deus unir ninguém pode separar.

Entre dentes, diz a recente sogra: – Isso é o que vamos ver!

Em consequência, as suas visitas, previsíveis fontes de conflitos, não são bem-vindas por parte da personagem genro:

(13) Citador

A sogra vai visitar a filha e o genro. Toca à campainha, o genro abre a porta e exclama:

— Sograinha! Há quanto tempo a senhora não aparece! — Quanto tempo vai ficar desta vez?
 A sogra, querendo ser gentil: — Oh, meu genro, até vocês se cansarem de mim!
 O genro responde: — A sério? Não vai ficar nem para um cafezinho?

(14) Anedota do dia

O guarda prisional diz para um recente recluso da prisão: — Tens na ala das visitas a tua sogra para te ver.

Diz o tipo: — Olhe, senhor guarda, diga-lhe que, neste momento, eu não estou, saí...

No *corpus* analisado, nenhuma das piadas sobre sogras apresentou estas personagens como detentoras de traços físicos ou psicológicos positivos. Nesse sentido, podemos afirmar que se trata de verdadeiras caricaturas, veiculadas sob um ponto de vista propositalmente deformado e exageradamente desfavorável.

Quanto aos conflitos familiares decorrentes do confronto entre as personagens destas anedotas o culpado e a vítima vão alternando. Assim como, nas anedotas sobre casais, a personagem desencadeadora do conflito tanto pode ser o marido como a esposa, nas anedotas sobre sogras, o conflito tanto é gerado pela rejeição da sogra por parte do genro como, embora em menor número, vice-versa.

2.3. PAIS E FILHOS

Um tipo de conflito patente nas anedotas sobre relações familiares, completamente diferente dos anteriores é o gerado na relação pais e filhos. Aqui não há a questão da traição ou do ódio. As situações cômicas provêm geralmente dos traços próprios das crianças e do embaraço que a sua impertinência, ingenuidade ou traquinice podem originar.

Representações	N.º de anedotas
Filhos fazem perguntas impertinentes aos pais	24
Filhos são ingênuos, dão respostas e réplicas desconcertantes aos pais	15
Filhos são traquinas, desobedientes aos pais	13
Filhos gabam-se dos pais que têm (força do pai)	5

Tabela 4 – Traços constituintes das representações da categoria “pais e filhos” patentes nas anedotas das antologias do *corpus*

Em maior número nesta secção do *corpus*, encontram-se as anedotas nas quais o traço da criança é o da impertinência, revelado nas perguntas embaraçosas que os filhos pequenos dirigem aos pais, muitas vezes colocadas à frente de outros adultos. Exemplos:

(15) Citador

— Como é que se chama o pai do burro?

— É burro, meu rapaz.

— Então porque é que o papá me chama tantas vezes burro?

(16) Citador

O pai, zangado: — Não sei como te hei de corrigir desse péssimo costume de dizer mentiras. Eu, quando tinha a tua idade, nunca mentia.

O petiz: — E que idade tinha quando começou, paizinho?

Uma representação semelhante da criança surge nos textos em que a sua intervenção na interação dialógica constitui uma resposta, ou uma réplica, também ela desconcertante. Das palavras do pequeno, são inferidas implicaturas geralmente veiculando problemas de relacionamento ou defeitos do progenitor com o qual o diálogo é estabelecido:

(17) Anedotas para rir

— Minha Filha, cada vez que tu és malcriada, nasce-me um cabelo branco a mim!

— Ena, mãe! Como tu foste malcriada! Olha só o cabelo da avó!

(18) Citador

O pai que ajuda o filho a fazer os trabalhos de casa, confessa-lhe: — Receio que, um dia, a professora dê conta de que sou eu quem te faz os exercícios de matemática.

Responde o filho: — Não te preocupes, pai! Ela já descobriu, porque ontem disse-me que lhe parecia impossível eu dar tantos erros!

Quando a fonte de conflito é a própria criança, o problema é normalmente originado pelo seu caráter traquina e pela sua desobediência às normas impostas pelos pais:

(19) Anedotas para rir

O miúdo chega-se ao pé da mãe e diz: — Mãe, preferias que eu partisse a perna ou o jarro da sala?

— Ora que pergunta tola, claro que preferia que partisses o jarro da sala.

— Então mãe, podes ficar contente porque não parti a perna.

(20) Citador

O pai abriu a carteira e depois olhou para a mulher e para o filho:

— Esse menino tirou dinheiro daqui! — berrou ele.

— Como sabes que foi ele? — protestou a mulher —. Podia ter sido eu.

O pai abanou a cabeça e disse: — Não. Tu não foste. Ainda ficou algum na carteira.

Um menor número de textos apresenta o filho orgulhoso dos progenitores, geralmente da força física do pai, surgindo o humor no despique hiperbólico entre amiguinhos:

(21) Citador

— O meu pai, aqui por estas redondezas, foi o homem mais valente. Chegou a andar à pancada com dez e doze, e dava sempre pancadaria em todos. Na guerra foi o mais valente. Só à parte dele matou mais de 50.

— O meu pai também foi muito valente: onde quer que ele chegava, quem mandava era ele. Aquilo era com pessoas, era com bois, com cobras, com lobos, fosse o que fosse. Não havia nada que fizesse pouco dele. Tu já ouviste falar no Mar Morto?

— Já.

— Pois foi ele quem o matou.

Embora apenas tenhamos encontrado a categoria “pais e filhos” em 3 das 11 recolhas analisadas (ver tabela 1 supra), as restantes também apresentam anedotas semelhantes, embora as incluam em categorias mais gerais como “crianças”. Verifica-se até, ao comparar as recolhas entre si, que o mesmo tipo de diálogo que, nuns casos, é estabelecido entre filho e progenitor, surge, em outros, estabelecido entre aluno e professor. O mesmo acontece em relação às categorias “tios” e “avós”, ambas incluindo textos que em outras recolhas seriam colocados em categorias mais gerais e não especificamente nestas relações familiares.

O recurso humorístico mais utilizado, a implicatura, confirma o já aferido em estudos anteriores. Stein e Carmelino, por exemplo, analisaram cem piadas de crianças em páginas web e chegaram à conclusão de que:

Os resultados mostram que mecanismos diversos são mobilizados para gerar o humor nesse tipo de narrativa curta com final inesperado. A inferência, no entanto, destaca-se como o recurso mais recorrente nas piadas em questão. (Stein e Carmelino, 2013, p. 23)

A compreensão destas anedotas depende, portanto, de processamentos cognitivos que envolvem a extração de informação não explícita na superfície do texto, processo esse que, curiosamente, as crianças reais têm dificuldade em efetuar.

3. EXEMPLO DE INTERTEXTUALIDADE: A HISTÓRIA DE CAIM E ABEL

Tendo como hipotexto a história de Caim e Abel, do livro bíblico do Gênesis, (Gn 4, 1-18), foram, ao longo do tempo, geradas muitas desconstruções intertextuais, quer literárias quer em produções pertencentes aos mais diversos géneros textuais. Na presente pesquisa, pretendemos analisar a presença desta história como hipotexto em textos humorísticos. Para tal, recolhemos, na web, um *corpus* de 57 textos, em diversas línguas, com alusões à referida história. Partindo de um enquadramento teórico no âmbito da Linguística Cognitiva, nomeadamente a teoria da integração conceptual de Fauconnier e Turner, analisámos as mesclagens conceptuais neles presentes e o modo como estas recontam, com tonalidades atuais, uma história milenar.

A teoria dos Espaços Múltiplos (Fauconnier & Turner, 1994) tem-se revelado muito eficaz na explicação e análise de diversos fenómenos linguísticos e multimodais nos quais entra a imaginação ou criatividade. Neste modelo, a estrutura de dois ou mais espaços mentais é projetada num único espaço de mesclagem. Assim, para além dos espaços de entrada (*input spaces*), o modelo contempla dois espaços intermédios (*middle spaces*): um espaço genérico (*generic space*) que contém a estrutura esquemática comum aos espaços de entrada, e o espaço mescla (*blended space*), que é um espaço fértil, integrando, de modo parcial, estruturas específicas de ambos os espaços de entrada e, eventualmente, incluindo outros elementos próprios, numa nova estrutura emergente.

A integração conceptual também tem sido considerada nos estudos sobre o humor, na análise de piadas que implicam a construção de espaços mescla incluindo choques e incongruências cognitivas e o fenómeno da “bissociação” de *frames* de referência usualmente incompatíveis (Attardo, 1994).

Nas piadas com alusões à história de Caim e Abel recolhidas na presente pesquisa, observam-se mesclagens entre personagens e factos da história genesíaca e personagens e factos atuais. O esquema geral das projeções entre os dois espaços de entrada resulta numa estratégia intertextual de tipo alusivo que consiste em: selecionar personagens atuais, identificadas pelo seu aspeto, linguagem ou adereços; manter os nomes próprios originais de Caim e Abel; e substituir o homicídio por uma qualquer ação negativa de uma personagem sobre a outra. Algumas piadas apresentam ainda uma terceira personagem. Esta personagem C interpela o culpado A, não ficando claro se a sua contraparte no espaço 1 será a personagem do progenitor terrestre ou a do criador divino, já que a ambas se reconhecerá autoridade sobre Caim. Daqui resulta uma mesclagem entre elementos do relato genesíaco e elementos da história atual.

Por exemplo, na tira desenhada, observa-se como a personagem chamada Caim é colocada no mundo atual, sob a forma de uma criancinha que se encontra dentro de um carrinho de bebê. A perversidade do crime original é aí projetada na sua tendência incontrollável para destruir brinquedos ou um urso de peluche. A análise dos 57 textos revelou outros anacronismos e mesclagens conceptuais humorísticas, atuantes sobre os diversos componentes da história:

- a) Personagens – A personagem A e/ou a personagem B, contrapartes dos irmãos em conflito, apresentam características atuais (aspeto, roupa, adereços) ou não são humanas (ex. um pintainho chamado Caim é repreendido pela galinha quando esta o surpreende a colar, com um tubo de cola, a casca do outro ovo da ninhada). Em alguns textos, como referimos, há ainda esta terceira personagem C, que interpela A com autoridade, geralmente a mãe (aí incluindo a galinha), o pai ou os pais.
- b) Ação – A personagem A, chamada Caim, assassina a personagem B, chamada Abel, mas o crime é anacronicamente encarado em termos atuais: métodos atuais de investigação (ex. referência a CSI), o crime é noticiado, são evocadas leis atuais (ex. Caim alega que é menor de idade). Em muitos casos, o tipo de crime é alterado e passa a ser resultante, por exemplo, de: disputa dos dois irmãos pela posse do videojogo ou do controlo remoto, discussões futebolísticas em que cada irmão é adepto de um clube rival, questões de nepotismo, destruição de objetos.
- c) Cenário – As personagens movimentam-se em cenários completamente diferentes do da história original. Encontrámos exemplos em que a o cenário é o escritório de uma empresa, a escola, o quarto das crianças, a casa, a cidade, tendas comerciais (venda de cenouras vs. venda de carne).
- d) Linguagem – No seu discurso, as personagens utilizam uma linguagem muito diferente da que é utilizada na narrativa bíblica. Por exemplo, encontramos insultos, referências a realidades e acontecimentos recentes, há manchetes de jornal a noticiar o crime, é utilizada linguagem técnica de investigação criminal.

Para além da substituição de elementos da história genesíaca pelas suas contrapartes atuais, que decorrem da projeção entre os dois espaços de entrada, verificamos que a mesclagem resultante pode também apresentar elementos emergentes próprios. Por exemplo, em muitos textos humorísticos são acrescentados pormenores novos à trama, como é o caso da apresentação de Caim como sendo vegetariano, ou ainda o cheirinho delicioso a churrasco que emana da carne oferecida.

Para além da projeção da história na atualidade, encontramos um grande número de piadas em que a estratégia passa por colocar em evidência supostas contradições, incoerências ou mistérios do hipotexto. Exemplos do *corpus*: Abel acha que o criador é idoso, logo os vegetais deverão fazer-lhe melhor do que a carne; o pequeno Caim explica a Abel que o pai se ri quando a mãe se coça porque sente cócegas na costela; Adão e Eva concluem que Caim é culpado porque não existem outras pessoas; uma cabra, agradecida, elogia Abel por ele ter escolhido oferecer vegetais para o sacrifício; os pequenos irmãos reparam que Adão não tem umbigo como eles; o filho de Caim quer saber onde é que este conheceu a mãe.

Incoerências, anacronismos, mesclagens conceptuais e elementos das estruturas emergentes são, assim, utilizados na geração de humor, funcionando pela desconstrução do conhecido, na criação de um espaço criativo novo e de algum modo surpreendente.

4. CONCLUSÃO

Na pesquisa de que aqui demos conta, verificamos que as diversas relações familiares, principalmente as referentes à família nuclear, são objeto de textos humorísticos que geralmente as apresentam estereotipicamente formatadas e caricaturadas. As representações decorrentes deste processo são recorrentes no texto humorístico e criam, à partida, no leitor, expectativas em relação às personagens que se encontram nas diversas secções das antologias e bancos de piadas. Resultante desta representação caricatural, surge, ao nível da história narrada, o conflito familiar, também ele frequentemente apresentado em tons hiperbólicos.

Em relação ao caso particular do conflito entre irmãos, analisámos a reformulação da história milenar de Caim e Abel, e o modo como as anedotas atuais operam a sua transposição para novos cenários e a construção de mesclagens conceptuais humorísticas. Neste processo, há elementos que são mantidos, outros são substituídos e outros ainda são acrescentados. É da possibilidade de todas estas combinatórias que precisamente se gera o efeito pretendido da surpresa e, consequentemente, o humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexandru, O. (2013). *Funny Comment, Sad Context: A Literary and Linguistic Analysis of Humor in Kurt Vonnegut's Novels*. Tese de doutoramento. Universitatea Babe -Bolyai, Cluj-Napoca.
- Attardo, S. (1994). *Linguistic Theories of Humor*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter.
- Bergson, H. (1983). *O riso. Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Carugati, F., Selleri, P. & Scappini, E. (1994). Are Social Representations an Architecture of Cognitions? A Tentative Model for Extending the Dialogue. *Papers on Social Representations*, 3-2, 1-149.

- Coimbra, R. L. (2013). Representações do político no texto humorístico em Portugal. Uma abordagem cognitiva. In Silva, A. S., Martins, J. C., Magalhães, L. & Gonçalves, M. (orgs.), *Comunicação Política e Económica: Dimensões Cognitivas e Discursivas* (pp. 173-188). Braga: Aletheia.
- Costa, E. B. R. & Rodrigues, M. L. (2008). Análise de piadas de sogra. *Web-Revista Discursividade Estudos Linguísticos*. 2. Disponível em <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/edicao02.htm> (acedido em 25-08-2015).
- Fauconnier, G. & Turner, M. (1994). Conceptual Projection and Middle Spaces. *Cognitive Science Technical Report*, 94/01.
- Fauconnier, G. & Turner, M. (2003). *The Way We Think*. New York: Basic Books.
- Fauconnier, G. & Turner, M. (2008). Rethinking Metaphor. In Gibbs, R. W. (ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought* (pp. 53-66). Cambridge: Cambridge University Press.
- Forgas, J. P. (2001). *Feeling and thinking: the role of affect in social cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lakoff, G. (1990). *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Harcourt, Brace & Co.
- Luz, G. M. M. V. (2010). *Noras e Sogras: sobre relações familiares, conflitos e imagens* (tese de doutoramento). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- Menandro, P. R. M., Rölke, R. K. & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas/conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia Clínica*, 17-2, 81-100.
- Possenti, S. (2001). Piadas são relevantes em estudos do funcionamento da linguagem. *Ciência Hoje*, 30-176, 72-74.
- Slavutzky, A. (2007). A psicanálise entre o peso e a leveza. *Revista da APOA*, 31-3, 167-178.
- Stein, A. C. & Carmelino, A. C. (2013). Piadas de criança: em questão os recursos deflagradores de humor. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*, 9-1, 23-40.
- Travaglia, L. C. (1990). Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 6-1, 55-82.

FONTES

Corpus 1:

Ribeiro, A. Mendes (2005). *Antologia de Humor e Aneodotas*. Lisboa: Planeta Editora.

Guerreiro, A. Machado (1995). *Livro de Aneodotas*. Lisboa: Edições Colibri.

Corpus 2:

Cartoons Caim e Abel obtidos através do Google imagens.

Páginas web com recolhas de anedotas (último acesso em 01-09-2015):

Aneodota do dia - <http://www.anedotadodia.net/categorias/anedotas>

Aneodotas para rir - <http://www.anedotas.rir.com.pt>

Aneodotas qb - <http://anedotas-qb.blogspot.pt>

Citador - <http://www.citador.pt/anedotas.php>

FNSP - <http://fnsp.ptservidor.net/anedotas>

Marafado - <http://www.marafado.com>

Piadas pt - <http://piadas.pt/>

Só rir - <http://so-rir.net>

Anedotas tendência - <http://www.tendencia.cc/anedotas>

RESUMO

Um dos temas incontornáveis no texto humorístico é o das relações humanas em geral e das relações familiares em particular. Partindo de um corpus de textos humorísticos publicados em antologias e em páginas especializadas, pretende-se analisar os mecanismos de criação do humor e os traços que compõem as representações de todos os tipos de laços familiares: casais, pais e filhos, genros e sogras, tios, irmãos. No caso do laço de irmãos, foram, ao longo do tempo, geradas muitas desconstruções intertextuais, quer literárias, quer em textos pertencentes aos mais diversos géneros, incluindo os géneros humorísticos. Partindo de um enquadramento teórico no âmbito da Linguística Cognitiva, nomeadamente a teoria da integração conceptual de Fauconnier e Turner, analisámos a construção de mesclagens conceptuais e o modo como estas recontam, em tonalidades atuais, uma história milenar.

ABSTRACT

One of the compelling issues in humorous text is human relations in general and family relationships in particular. Based on a corpus of humorous stories published in anthologies and in specialized websites, we intend to analyze the mechanisms of humor creation based on conceptual blends involving all kinds of family ties: couples, parents and children, husbands and mothers-in-law, uncles, brothers. There will also be identified traits that make up the respective representations in these texts.

In the case of brothers, there have been generated many intertextual deconstructions, whether literary or in texts belonging the most diverse genres, including humorous genres. In this research, we also intend to analyze their presence. Starting from a Cognitive Linguistics theoretical framework, namely the theory of conceptual integration by Fauconnier and Turner, we examined the conceptual blends and how these recount, in current shades, a millenary history.